

Uma obra de traição contra as regalias populares

O povo, esse povo tão desdenhado pelos aristocratas e tão esquecido pela maioria dos historiadores, raras vezes se bateu por fórmulas empíricas, vazias de ideias—nem elas tão pouco nunca tiveram o condão de o entusiasmar. A afirmação de que tanto se tem abusado, segundo a qual o povo é republicano, é monárquico ou não é coisa nenhuma, é falsa como Judas. Essas fórmulas e essas designações sempre lhe foram indiferentes. Com um instinto maravilhoso tem-nas desprezado, desde que elas deixaram de corresponder a antagonismos acutados e bem definidos.

E a Revolução Francesa? Não anula a nossa afirmação: o povo bateu-se pela república porque ela, nessa época, estava identificada com a liberdade. E a ele se deve que a Revolução Francesa, revolução eminentemente popular, fôsse mais alguma coisa do que uma mudança aparente de regime político e uma substituição de clientelas. Dela só ficou aquilo que o povo, com o seu esforço heroico, construiu; ela só deixou abaixo aquilo que o povo, no seu odio pela iniquidade, derrubou. O resto desapareceu. Os Robespierres, os Danton e os Desmoulins tombaram na guilhotina, vítimas das suas pueris discórdias e das suas enfáticas opiniões, e contudo, ficaram de pé princípios que nem a traição e a tirania de Napoleão nem as restaurações monárquicas que lhe sucederam, nem tão pouco a conjura reaccionária internacional— a Santa Aliança—inspirada pelo maquiavelismo político de Metternich, conseguiram aniquilar.

O maior princípio proclamado na Revolução Francesa foi a declaração dos direitos do homem, que ficou não no célebre documento da Convenção, mas na alma popular. Esse princípio, que é grande, que é imortal, base de todas as lutas, síntese máxima de todas as aspirações humanas, uma só palavra chega para o designar—a liberdade.

Com essa afirmação, a tirania política e económica recebeu um golpe rude e entrou numa franca decadência; iniciou sua marcha, irreprimível e fatal, para a morte.

Depois disso, a questão do regime monárquico e a questão do regime republicano, tornaram-se questões secundárias. Nunca mais uma monarquia ou outra se declarou absolutamente e afirmou-se baseada no monstruoso direito divino. Monarquias e republicas tiveram, para se manter de fazer concessões à liberdade, reconhecendo ao povo o direito de existir com o receio de que este as não deixasse perdurar.

No dia em que o povo se cansou de ser ludibriado e que começou reclamando a liberdade pela qual

durante séculos se batera, a luta reacendeu-se com mais encarnação e surgiram com exageros epilépticos as diversas reacções nacionalistas que transitivamente, e à custa das mais atrozes violências, alcançaram o mais teatral e o mais efêmero dos triunfos.

O povo é, neste país, nitidamente contra a restauração da monarquia. Por republicanismo? Não. O povo compreendendo que o triunfo da restauração monárquica o despojará das regalias e das liberdades que conquistou mostra-se disposto a opôr-se, com toda a sua energia, a uma tentativa política dessa natureza que considera a maior provocação e a maior afronta aos direitos que imortalizou com o seu sangue.

Os monárquicos sabem que o seu objectivo político é extremamente impopular e incapaz, devido a isso, de ter qualquer probabilidade de êxito. Monsanto e a Trautlândia do Porto são ainda lições bem recentes e concludentes!

Premeditam pois a surpresa, a traição, o chamado golpe de apaches. Visa a esmagar o povo, passando por cima dele, depois, de antecipadamente o terem manietado pelo ludíbrio. Apesar de toda a sua habilidade, admiravelmente servida por uma arripante falta de escrúpulos, estão perdendo terreno. Seu sonho vai-se dissipando à medida que os dias decorrem sobre a famosa circular em que o talassa Fernando Pizarro pedia aos correligionários dinheiro para custear as despesas dum crime nefando e dum atentado ignominioso contra um povo que dá a sua vida em troca da Liberdade.

Desmascarados pelos seus mais visíveis maneios, desconcertados pelo terreno perdido, tiveram de falar uma linguagem mais clara, que tem, felizmente, o mérito de prejudicar os seus fins. O jesuítico Fernando de Sousa, director de *A Voz*, vem cotidianamente gritando que a Ditadura Militar deve ser contra os partidos e à margem de toda a política. Mas, não serão os monárquicos, um partido? Toda essa fraseologia oculta o seu objectivo que não é de guerra aos partidos, mas de guerra à liberdade, à liberdade que seria, com a implantação do seu regime, o mito dos mitos.

Preguntem ao povo em face destes maneios, que atitude tomou. E não se assustem por não ouvirem a sua voz. O seu silêncio é uma acusação, o seu silêncio cessará quando ele julgar decisiva a sua opinião—mas, nesse dia, onde estará a voz bastante forte, bastante poderosa, que ouse suplantar a sua?

A PAZ ARMADA . . . Os povos devem preparar-se para impedir que se desencadeie uma nova guerra

Estamos sob a ameaça de uma nova guerra como o comprovam a reacção nacionalista desencadeada em vários países e a pressa febril com a qual as nações se estão armando. A Sociedade das Nações, organismo destinado a substituir pela arbitragem dos conflitos armados, após alguns anos de vida ingloria entrou na agonia.

Desde há muito que previamos o seu fracasso, pois sendo nas sociedades modernas o direito alicerçado na força a Sociedade das Nações só poderia impor o direito desde que possuísse a força capaz de o assegurar. Vem-se na questão da Grécia: a Itália saltou por cima do tal organismo internacional e disparou os canhões dos seus couraçados sobre terras indefesas, e ficou impune. Todos os outros países ou imitaram a Itália se tinham força para isso ou submeteram-se, esmagados pela pata férrea dos países mais fortes. E tanto a perspectiva de uma nova guerra domina a acção e a pesar de fazerem parte do organismo da paz travam entre si disputas enormes baseadas na chamada questão do desarmamento.

Elas sentem que a loucura dos armamentos pôde conduzi-las à guerra arruinadas mas não podem evitá-las, por mais esforços que façam. Estão nos casos daqueles doidos que raciocinam com a própria loucura sem conseguirem libertar-se dela.

Os motivos de guerra sucedem-se uns após outros. Ultimamente, o da Jugoslavia ganhou certo vulto, devido à audaz manobra de Mussolini que pretende expandir a Itália nos Balkans, através de uma aliança feita com um ex-oficial sérvio arvorado em rei e tirano da Albânia.

Pretextando essa combinação com o tirano da Albânia a Itália ocuparia o país e ficaria dominando nele como senhora absoluta. A Jugoslavia, por seu lado, sentindo-se ameaçada, falou alto e a sua linguagem um tanto bélica causou grande alarme em vários países.

A guerra entre essas duas nações é a desen-

cadear-se não ficaria restrita. Outros países se envolveriam na contenda e o incêndio que se ateria nos Balkans facilmente alastraria por toda a Europa. É possível que consigam apagar a fogueira; mas logo surgirá as chamas de outra a alarmar os espiritos com o sinistro clarão da guerra.

A sociedade burguesa não consegue, depois da conflagração mundial, engendrar uma forma de equilíbrio que lhe permita restabelecer-se do abalo sofrido. Cada vez as fronteiras se vão tornando mais embaçadas e mais impraticáveis, visto que não se conciliam com o internacionalismo, isto é, com a tendência que se observa em todos os povos para a unidade humana, luta entre o espírito nacionalista e o internacionalista é incessante e o primeiro, mau grado suas bruscas reacções, mau grado as guerras que ainda pôde suscitar vai nitidamente perdendo terreno. Os hábitos e os costumes dos povos vão-se universalizando, o mesmo sucede com as descobertas da ciência e com as correntes de ideias, as quais possuem uma tal força de expansão que rapidamente dão a volta ao mundo. O ódio de raças entra já nos domínios das tradições odiosas. Só restam de pé os antagonismos capitalistas cada vez mais divergentes e cada vez mais inconciliáveis. Eles mantêm as fronteiras, cultivam artificialmente o ódio entre povos, a fim de combaterem toda a ideia de paz universal que podendo ser o prolongamento da sua existência, ameaça, por outro lado, ruir o seu poderio. A guerra, é pois, uma consequência da sociedade capitalista porque se converte para ela numa necessidade vital.

Aos povos compete o preparar-se para deixarem de ser as eternas vítimas de rivalidades que nada tem com os seus interesses e com o seu destino e parecem-se os 15 milhões de cadáveres da última guerra constituem uma lição trágica que não deve ser esquecida. Oxlá que ela tenha o condão de abrir na sua consciência uma nova luz própria do advento dum mundo que regenera o género humano e a reabilita a vida de tanto ódio, de tanta torpeza, de tanto crime!

"A Batalha" no Funchal vende-se no BUREAU DE LA PRESSE

A CHINA EM GUERRA Os objectivos da política nacionalista

O grito estentoreio de Cantão sobressaltou deversos o imperialismo ocidental. O triunfo nacionalista logo começou ameaçando o poder militar e a influência política das potências e pondo em jogo os formidáveis interesses do grande capitalismo. Cantão proclamou que «a China seria para os chineses» e, como o Ocidente não o queira atender, a guerra vai prosseguir o seu caminho de crueldades e torpezas.

O governo de Pequim, aliado das potências usurpadoras, ante a derrota dos generais reaccionários, tradicionalistas ou bandoleiros, ficou desautorizado. Agora, é Cantão que governa contra a má-vontade e a ambição dos estrangeiros.

A grande revolução chinesa, que ora vai

Tem-se clamado o carácter bolchevista da revolução chinesa. Confunde-se, assim, vários pontos do programa cantonense com os aspectos de um novo sistema político que a Rússia teve de inaugurar. A civilização ocidental não quer atender a evolução feita no mundo e pretende subsistir à decadação dos velhos processos económicos e políticos, opondo-se às ideias do triunfo. As modernas concepções facilitam os trados nacionalismos e derrubam todas as dições políticas. Nestes tempos revoltos, há uma força que procura conciliar as reivindicações de uma nação com as reivindicações da massa popular. Assim, foi na Rússia e vai ser na China.

E' porisso que a diplomacia chinesa não desdenha o concurso da Rússia; desta nação nada tem a recear, enquanto as outras potências, especialmente o Japão, constituem perigos futuros ao desenvolvimento da nacionalidade da China.

A imprensa europeia, intrigando com a semelhança de características da reivindicação nacionalista da China e do regime bolchevista da Rússia, deturpa propositalmente os acontecimentos, com o fim de iludir a opinião mundial, mas não vendo que esse jogo pôde ser de gravíssimas consequências para a própria civilização do ocidente.

A situação em Hankow

Não cessaram os conflitos com os japoneses
HANKOW, 6.—A situação agrava-se de momento a momento. As forças japonesas quando desembarcaram viram-se forçadas a abrir fogo contra a multidão matando grande número de chineses. As baixas nipónicas foram de doze mortos e centenas de feridos excepto os capturados. —(L.)

Na zona de Xangai

Os estrangeiros reforçam a defesa
XANGAI, 6.—Esperam-se graves acontecimentos em Northysia. As forças estrangeiras estão-se concentrando em Tientsin. Aguarda-se a chegada de mais um contingente de 1.500 homens de marinha inglesa. A defesa da concessão da França foi reforçada com uma companhia anamita. —(L.)

O espectro de Pequim

O que se diz e se faz a dentro da muralha chinesa
PEQUIM, 6.—Por ordem do marechal Tchang-Li-Li, a polícia fez uma busca na embaixada soviética, capturando 3 chineses e três russos e apreendendo armas e documentos importantes.

As notas enviadas pelas potências a Pequim não foram entregues ao gabinete cantonense, visto não existirem relações oficiais entre os dois governos. —L.

A guerra das potências

Perseguição a um deputado comunista
PARIS, 6.—O governo apresentou à câmara dos deputados o pedido de autorização para proceder juridicamente contra o deputado Doriot, em virtude da sua propaganda anti-francesa na China.

O pedido baixou à respectiva comissão, que sobre ele se pronunciará. Por ocasião da apresentação o sr. Renaud declarou que o partido comunista francês se solidarizou com o movimento anti-europeu da China, estigmatizando em seguida o procedimento

SITUAÇÃO GRAVE A falta de trabalho, agravada com a carestia da vida, tornou bastante difícil a existência dos que trabalham

Que a vida sobe de preço, que os géneros se vendem mais caros e adulterados sabem-nos todos os que não são ricos e que não são comerciantes. A carestia da vida não é dos nossos dias. Nasceu com a sociedade e só desaparecerá quando a sociedade perecer.

No entanto, nos últimos tempos a vida tornou-se mais difícil. Os honrados comerciantes procuram tirar o máximo proveito do seu negócio, nem que tenham que arrancar a pele ao consumidor e envenenar os que vão aos seus estabelecimentos abastecer-se.

A falta de trabalho, motivado pela crise que asseberba todas as indústrias, agravou mais a questão. Não há trabalho e a vida encareceu assustadoramente.

De todos os pontos do país há clamores contra a fome. Clama-se porque falta o trabalho. Clama-se porque não há que comer.

Setúbal, a cidade outrora tão rica, quando a costa era rica de sardinha, atravessa uma situação de miséria. Há fome por todos os cantos. As duas principais indústrias—piscicultura e conserveira—estão paralisadas.

Com a paralisação das duas indústrias, paralisou a vida industrial e comercial da cidade do Sado. Pediram-se providências, reclamaram-se medidas.

E todavia o que vimos? Alguns cavalheiros pretenderam explorar a situação, julgando o momento azado para reduzir os salários e prejudicarem o descanso semanal e o horário de trabalho.

Ainda num dos últimos números do jornal *A Indústria*, da Secção dos Fabricantes de Conservas, um cavalheiro chamado Silva, feria como planta silvestre o direito ao descanso semanal e ao horário de trabalho, a pretexto da natureza da indústria que só a sua mediocridade inventou.

Medidas inteligentes, atinentes a debelarem o terrível flagelo, não saem desses pequenos cerebros, que só albergam ideias tacañas e coercitivas.

Agora, que se fala num estudo à situação de Setúbal, era conveniente que se observassem os verdadeiros fenómenos da miséria que lava pela cidade que não são, nem de longe nem de perto, os que o articulista *A Indústria* com tanta infelicidade apontou.

E sobre a situação de Lisboa? O estudo a esta situação não se compadece com a sobriedade de um artigo, traçado com o nervosismo jornalístico. Só um estudo demo-

rado pôde falar-nos das verdadeiras causas deste mal estar, deste ambiente carregadíssimo que ameaça asfixiar-nos.

A situação dos habitantes de Lisboa é grave, mesmo muito grave! Falta tudo: desde o trabalho ao alimento. De abundante só há o roubo.

Trabalho não existe, exactamente porque não há capacidade monetária, e em regime capitalista faltando dinheiro, falta tudo.

Não havendo dinheiro, salvo o caso de vivermos em regime de calote, não há possibilidade de adquirir os alimentos necessários à vida.

Mas como não se pode deixar de comer, no orçamento dos que trabalham fazem-se prodígios assombrosos.

Vem logo a seguir outra dificuldade: a da aquisição dos géneros. Carne, não há. Os marchantes jogam com os lavradores, estes com a Comissão de Abastecimentos de Carnes.

E neste jogo de empurra a carne não aparece há mais de oito dias, a pesar das constantes notas da Câmara Municipal.

Com os outros géneros não sucede melhor. A batata pôde vende-se a um escudo e cinquenta centavos. E encontrá-la por esse preço ainda é uma felicidade.

O azeite, causa de muitas enfermidades, atingiu já a casa dos quatro escudos. Não adoeça, apresentando-se como farinha repugnante.

Como o azeite, desde que Alfredo da Silva conseguiu assambarcá-lo, passou a vender-se a dez e doze escudos, embora a tabela de 7 escudos ainda não fôsse rasgada. E se fôsse azeite...

O arroz, o sabão e outros géneros subiram de preço numa ascensão tão perigosa que é impossível que não venha a ser fatal.

O bacalhau, esse fiel amigo que figurou sempre nos manjares dos comícios de propaganda republicana, é de aspecto repugnante, exalando odor desagradável e caro. Pois a pesar-disso vai custar mais dinheiro em quilo. Porque? Porque vai ser elevados os direitos sobre esse alimento.

Como o consumidor não paga apenas a elevação dos direitos alfandegários, dentro de alguns dias, pagará mais alguns escudos por cada quilo do infiel amigo.

Dum modo geral é esta a situação do povo português. Falta-lhe trabalho e paga por um preço elevadíssimo os géneros com que se alimenta.

Dai resulta o mal estar que em todo o país se nota, mal estar proveniente da sua situação económica e do carregado ambiente que o cerca.

NO REGIME CAPITALISTA Os conservadores ingleses desencadeiam uma ofensiva contra as organizações operárias

LONDRES, 1 DE ABRIL.—O sr. Baldwin, primeiro ministro inglês, vai apresentar ao parlamento a tão anunciada lei sobre as *Trade-Unions*. A verdade é que já os conservadores mais insatisfeitos vinham censurando o sr. Baldwin pela sua vacilação em traduzir em factos o desejo tantas vezes por eles manifestado. As «*stories*» pediam a Mister Baldwin uma série de medidas, que consideravam energias e, porventura, radicais, contra as associações operárias.

O presidente cedeu, enfim, elaborando um projecto de lei, que, no entanto, a pesar de ser um verdadeiro ataque ao operariado inglês, ainda é considerado um pálio reflexo dos desejos conservantistas.

A pesar de tudo, podemos afirmar que esse projecto representa um retrocesso na legislação inglesa. Segundo as nossas informações, o projecto compreende cinco pontos: 1.º Ilegalidade da greve geral e das greves de solidariedade, sem notificação prévia; 2.º Responsabilidade dos que nelas participem; 3.º Proibição de colocar grupos de vigilância junto das casas dos «*amarelos*» e nas proximidades de oficinas, fábricas, etc.; 4.º Proibição aos sindicatos de funcionários públicos de unir-se a outras *Trade-Unions*; 5.º Obrigação, para todo o sindicato, de firmar uma declaração, pela qual autorize expressamente o seu sindicato a empregar as suas cotas para fins políticos...

Estas condições, ou, se melhor quiserem, estas obrigações que o sr. Baldwin pretende impor às *Trade-Unions* são um pálio reflexo do que queriam os extremistas conservadores. Era desejo destes, nada mais modesto do que responsabilizar os trabalhadores ingleses pelos prejuízos causados por qualquer greve que fizessem e receber determinadas indemnizações.

Singular importância tem, na verdade, o último ponto do projecto, quando pretende obrigar os trabalhadores a contribuir, exclusivamente, para a caixa política!

Até ao presente, as cotizações dos operários associados em qualquer das *Trade-Unions*, eram divididas para fins políticos e de interesse profissional, conforme a declaração prévia do cotizante que, se assim o entendesse, podia deixar de contribuir para a caixa política.

Com este projecto, o sr. Baldwin pretende, segundo a sua própria declaração, «libertar os trabalhadores da tirania tradeunionista, comparável à tirania feudal».

E' uma concepção corrente, em certas classes da sociedade, —supor que o trabalhador vive subjugado pelos seus orientadores— e que bastará a publicação de qualquer decreto, para—qual carta de alforria—ele se considerar «livre» e abandonar o sindicato.

de Doriot fazendo propaganda anti-francesa na China e Indo-China. —L.

As intrigas diplomáticas

PARIS, 6.—«Chicago Tribune» diz que o ministério dos estrangeiros norte-ameri-

Os factos encarregam-se, porém, de demonstrar, precisamente, o contrário.

Um ano antes da greve mineira, o deputado conservador, Macquisten, apresentou um projecto de lei contra as *Trade-Unions*, que, a pedido do mesmo sr. Baldwin, retirou.

Agora, é o mesmíssimo sr. Baldwin que toma tal iniciativa, lembrando-se de dar, nos sindicatos operários ingleses, este «golpe mal inspirado», como já o qualificam alguns dos próprios amigos do primeiro ministro. Ao terminar a greve mineira, julgava-se que os trabalhadores não resistiriam à redução dos salários, e que o comércio inglês voltaria ao seu antigo apogeu. Mas estas esperanças não se têm realizado, e bem ao contrário, o comércio continua em regime deficitário.

Depois, e precisamente motivada pelas derrotas infligidas aos trabalhadores, na última greve, estes têm afilado aos sindicatos, que vêm, assim, dobrado o número dos seus filiados.

E' possível, pois, que um retrocesso na legislação social—e outra coisa não representa o projecto a que nos vimos referindo—aumente, ainda mais o número dos sindicalizados.

E aqui se poderá citar o velho ditado português, quando diz que «*há males que vêm por bens*».

Simplemente é lamentável que os trabalhadores ingleses, e, n grande parte, se deixem embalar pelos cantos subis de um *Labour Party*, que no seu programa, como principal fim a atingir, apenas proclama a necessidade de conquistar mais algumas poltronas municipais ou parlamentares, sem que, no entanto, daí tenha resultado qualquer melhoria para o proletariado.

OS MISTÉRIOS DO POVO

Previnem-se os leitores e assinantes de OS MISTÉRIOS DO POVO que dentro de poucas semanas estará concluída a edição desta tão apreciada obra.

Nestas circunstâncias, todos os leitores que tenham comprado fascículos ou volumes devem fazer, sem demora, a aquisição dos números que lhes faltam, ou seja do resto da obra pois nenhuma razão aconselha a que fiquem com ela incompleta.

cano ordenou ao seu representante em Pequim que enviasse um representante junto das outras potências para assinar o pedido colectivo de indemnização pela perda de vidas e haveres europeus mortos durante os últimos distúrbios. —L.

Notas & Comentários

Arquivando

A inauguração da linha de Evora a Reguengos meteu, como era inevitável, discursos. O chefe do Estado, que é o general sr. Carmona, foi, de todos, o mais sóbrio. Numa só frase disse tudo, razão porque, de todos os discursos feitos, só a meia dúzia de palavras que a compõem arquivamos nas nossas colunas:

«Esta linha marca, definitivamente, o progresso de Reguengos».

Raras vezes uma frase pode resumir tanta coisa e raras vezes uma frase poderia deslumbiar tanto os reguengueses, e nós, pela admiração forte e indutível que ela nos produziu.

Para os presos

A junta de freguesia do Beato resolveu, por unanimidade, distribuir em subsídios a quantia de 8.900 escudos. Dessa verba foram-nos enviados 200 escudos para os nossos pobres. Nós não temos os «*nossos pobres*» e porisso distribuiremos a quantia referida pelos presos por questões sociais. Agradecemos.

Transcrições

O semanário argentino Verbo Nuevo, que propugna ideias anarquistas, transcreveu em dois dos seus últimos números, chegados a Lisboa, dois artigos do nosso camarada Ferreira de Castro, acerca de «*A Arte e a Vida*», os quais foram publicados no suplemento de A Batalha. Nesses artigos, o seu autor flagelava a literatura branca que procura exaltar os seus ridículos preconceitos, e a transcrição de Verbo Nuevo mostra bem não só as ideias de Ferreira de Castro encontrarem eco na consciência proletária como a expansão do nosso jornal.

Inauguração de um ramal ferroviário

Com a representação do elemento oficial inaugurou-se anteontem o novo ramal ferroviário que liga Evora a Reguengos.

O NOSSO REAPARECIMENTO

Novas e entusiásticas saudações à «Batalha»

Continuam afluindo à nossa redacção as mais entusiásticas saudações à *Batalha* pelo seu reaparecimento que vêm acompanhadas de palavras de incitamento à obra que há sete anos iniciamos a defesa dos legítimos interesses dos que trabalham.

O nosso prezado correspondente do Monte Estoril apresentou-nos os seus cumprimentos.

Um grupo de camaradas de Cereal do Alentejo enviou-nos também as suas saudações.

A direcção do Sindicato Unico dos Operários da Construção Civil de Chaves dirigiu-nos um officio de felicitações pelo reaparecimento de *A Batalha*.

A Associação dos Pintores da Construção Naval manifestou o seu regosio pelo reaparecimento do nosso jornal nos seguintes termos:

A direcção deste sindicato saudá o jornal *A Batalha* pelo seu reaparecimento fazendo votos, para que o porta-voz da organização operária portuguesa defenda os interesses de todos os trabalhadores vítimas do capital. —Abel de Castro, presidente.

ALCOBAÇA, 4.—O reaparecimento da *Batalha* causou, como era de esperar, geral regosio no meio operário desta localidade, sendo lida com avidez, bem contra vontade de certos *meneurs* que receiam a nossa campanha moralizadora.

Fiquem certos os nossos detractores e os que não vêem com bom olhos a organização sindical do proletariado desta terra, que seja qual for a situação mais opressora que ressuria, nunca abdicaremos dos nossos princípios libertários, propagando sem desfalco, pelas classes produtoras, a maneira de se emanciparem e de se libertarem do jugo patronal, encaminhando-os para um ideal cheio de amor e beleza! —(C.)



EUGÉNIO CHEN
O dirigente principal da política cantonense

despertando a Ásia, alarmando a Europa, apaixonando, enfim, o mundo, iniciou-lhe há quinze anos com a queda do império. Sun-Gat-Sen foi a expressão do pensamento político da revolução; mas, após a sua morte, outras personalidades se firmaram, não deixando que se perdesse a obra já iniciada. O plano que Sun-Gat-Sen traçou está sendo realizado em toda a sua extensão.

Enquanto a acção militar—primeira fase da revolução—se aproxima do seu êxito definitivo, a diplomacia prepara o caminho da segunda fase.

O movimento nacionalista revela uma direcção firme no estabelecimento da unidade política sob um regime constituído à feição dos modernos estados.

Em meio do fragor da luta, move-se a personalidade de Eugénio Chen, o orientador e director da política de Cantão. E' homem prudente e sábio, dizem, e a sua acção política vai consolidando o triunfo obtido pelos generais. Tem sabida neutralizar os efeitos da política agressiva e belicosa da Inglaterra e aproveitar subtilmente as rivalidades das potências dominadoras, garantindo assim o alargamento do triunfo nacionalista.

Desprezando o ódio do Ocidente, procura consolidar a emancipação da China com uma aproximação com as nações asiáticas, a fim de constituir uma força poderosa contra os imperialismos. Com a sua política, Eugénio Chen evita conflitos com potências que podem criar novos interesses económicos na China, de modo a facilitar a sua acção o maior progresso e a prosperidade

O JOGO

Rasável e legalmente deve procurar-se desarrigar do ânimo do povo a paixão desgrejada do jogo, em que o ganho ou a perda depende exclusivamente da sorte, principalmente se pela abolição das lotarias, jogo público tão funesto com o qual ganha sempre o governo e perde o povo.

O jogo é a mais nociva das ocupações. O jogador, preso à banca do jogo, com prejuízo da saúde, nem tempo tem de satisfazer as suas necessidades naturais, absorvido por êle esquece-se até dos seus deveres sociais e domésticos.

O jogo é o mais improfundo dos trabalhos.

O jogador, não empregando o seu tempo em trabalho útil e proveitoso, não produz em benefício próprio, da família e do estado, em nada aumenta a fazenda pública e particular.

Incontestavelmente o jogo faz a desgraça das famílias e o menos que se perde nele é o dinheiro, e não pode deixar de ser assim. Pelo jogo, contraídos são todos os vícios; pelo jogo as distrações rápidas e sucessivamente se transformam em vícios, dos vícios em crimes, do crime em atentados.

O jogo é o culto de uma divindade ímpia, que primeiro pede dinheiro, depois bens, depois a honra, depois a família, depois a vida, e finalmente, a alma; é uma fantasma que conduz sua vítima crédula e confiada por entre caminhos bordados de flores para despensá-la em medonho precipício ao som da estrondosa gargalhada.

O jogo é o círculo vicioso da esperança, o ínfimo da cubícia, o ídolo do bezerro fundido com o dote das filhas, com a joia das esposas; é o despotismo horrível do acaso.

O jogador perde a primeira parada, perde a segunda, espera a terceira; perde a terceira, espera a quarta e espera a quinta; se quinta houver, e se desaparece a esperança quando finda o jogo.

Porque joga o jogador? Será porque, como o aventureiro, tenha amor ao dinheiro? Ninguém é mais pródigo do que o jogador; fôr da banca, onde o dinheiro é para ele uma divindade, ninguém o despreza mais.

O jogador joga pelo prazer de jogar, como o caçador pelo prazer de caçar. São as emoções pungentes e desordenadas — o receio, o ódio, a esperança da sorte — que deleitam o jogador.

Banca de jogo! Mercado horrível, sorvedouro imenso dos patrimônios das famílias, dos capitais das indústrias, de todas as riquezas do corpo e do espírito! A carta, se como a alavanca do Arquimedes levanta em um momento fortunas colossais, no mesmo instante também as destrói.

Que sensações, que anedotas, que sustos, que sobressaltos não se sentem à roda daquela pequena mesa! Jogam ali as fortunas de não em mãos; jogam ali tristezas e alegrias de semelante em semelante; jogam as iras de coração em coração; jogam os sarcasmos pungentes de boca em boca; jogam a sorte; jogam o acaso; jogam o demônio.

Ali não há razão, nem direito, justiça nem injustiça: as sentenças da sorte não têm apelação. Não há no mundo praça de comércio com maior movimento, nem teatro com cenas mais variadas do que uma banca de jogo; o que ali mais se perde é o tempo, é a honra, é a dignidade, é o socorro do espírito, é a saúde, é a paz doméstica que é tudo na vida.

O jogador vive somente enquanto joga. Para ele só há uma ideia, um sentimento; um amor, uma paixão — o jogo. Oh! Como a sua respiração se suspende, como a sua língua se emudece, como êle se aniquila ao despondor desse número ou carta que o deve fazer feliz por instantes, ou desgraçado por toda a vida! Ide dizer-lhe que sua casa está a arder; que sua filha idolatrada, ou sua esposa carinhosa está a morrer; nem sequer vos ouvirá. E não há que admirar os espectros não cuvem.

As raras alegrias do ganho não compensam as angústias e terrores da perda. O dinheiro baixa de valor quando se ganha e sobe quando se perde; o dinheiro que se ganha esquece-se, o que se perde é mil vezes chorado.

O jogador que ganha não é feliz, o que perde é um desgraçado; o ganho não tem história, nem arte, a perda tem os factos e sua crítica. O jogador que perde examina-se jogou bem ou mal, critica as suas paradas, tira conclusões ioficantes.

O sono do jogador infeliz, é atrás. Em sonho vê fantasmas e visões: vê a sala, sua carta favorita, que lhe fez perder vinte paradas; vê o agiota que vem exigir o pagamento de uma dívida; vê o criado que vem pedir dinheiro para as despesas do dia; ouve a mulher censurando-o e procedendo; ouve os filhos chorando de fome; tudo persegue o desgraçado. O despertar deste sono é ainda pior, é a realidade triste pelos seus negros e tenebrosos quadros. Oxalá pudesse êle nunca acordar!

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariade

CONSULTAS JURÍDICAS

O advogado deste secretariado dr. Campos Lima, dará hoje às 21 horas na Bóla de Trabalho e Solidariade da Construção Civil consultas aos operários confederados mediante a apresentação da caderneta confederacional em dia.

INSTRUÇÃO

Liga de Acção Educativa

Programa mínimo e imediato da Liga de Acção Educativa. Assuntos a estudar pela Comissão de Estudos e restante Conselho Gerat:

- falta de ideologia educativa do nosso ensino;
- carência de sequência entre os vários graus de ensino;
- recrutamento de pessoal ensantante;
- como deve ser a escola portuguesa desde o ensino infantil ao superior;
- extinção das primárias portuguesas e do ensino primário complementar;
- professores sem colocação;
- edifícios escolares;
- atraso de pagamentos, arrendamentos e subsídios;
- bibliotecas infantis, pedagógicas e populares;
- embelesamento, higiene e assistência das cidades, vilas e aldeias;
- ofertas de escolas ao Estado;
- escolas ao ar livre;
- ensino religioso nas escolas particulares;
- o não existência da verba disponível para as escolas de ensino infantil e primário geral;
- a gestão do ensino pelos profissionais do mesmo ensino.

Mulher para limpeza

Sabina Lopes, que vive numa situação difícil com quatro filhos menores, oferece-se para trabalho de limpeza em escritório ou casa particular que tenha que ser executado nas horas da manhã.

Quem necessitar dos seus serviços pode dirigir-se à rua da Barroca, 91, 1.º—Lisboa.

TEATRO APOLO

TELEF. N. 4129

Companhia ALMEIDA CRUZ

HOJE e todas as noites

A pitoresca opereta

MOURARIA

Admirável interpretação

A vida bairrista em pleno palco

A HORA QUE PASSA

Para todas as pessoas que aspirem a emancipação e que observem o desenvolvimento das classes produtoras, deve ser motivo de satisfação e estímulo, o certificar-se como ao trabalho de sapa da hídria reaccionária, os trabalhadores respondem com um «alerta» vibrante, despertando enérgicamente do letargo em que se encontravam, preparando-se para a luta contra a onda negra, contra o privilégio, contra a opressão. Fazem-se preparativos para um combate próximo, dão-se os primeiros passos para uma futura actividade dignificadora.

O que constitui motivo de satisfação para os que destes assuntos se interessam, não é somente o constatar a marcha progressiva das ideias libertárias, mas também por verem que a hora da emancipação se aproxima a largos passos.

Das vozes soam como clarins, duas vozes têm brado a necessidade das reivindicações, duas vozes têm chamado contra a opressão — uma é a fome, — o fantasma negro e esquelético, a garra adunca que desapaça estômagos, corações, almas, — a outra é a tirania, — o látigo arbitrariamente despedido sobre as costas dos humildes, as grades de um calabouço, a deportação para regiões infernais.

Ao soarem êsses brados, êsses gritos, êsses clamores, os espíritos vibram intensamente, um arrepio frio percorre os corpos, as mãos cerram-se e crispam-se de energia.

E' que em todas as almas proletárias já abriga um anseio de liberdade, de emancipação.

O homem aspira a completa satisfação dos seus desejos de viver desatagado, a mulher aspira a liberdade de acções e de amor, a destruição das convenções a que está acorrentada, a crença deseja uma mão que a ampare, um coração que a ame, uma casa sorridente, uma escola alegre e linda. Agora compete aos dirigentes da actividade desta classe produtora, a orientação desta, para conseguirem alcançar o cume da escarpa reivindicadora; pois se, por qualquer circunstância se deixa livre o caminho aos transgessos e apostasias, que satisfazendo os seus torpes desejos consigam lançar mão das organizações operárias, estas socorram bem como os anseios de liberdade que hoje predominam no ambiente sociológico.

E' necessário ponderação — é impreterível que com muita atenção e cuidado se trace a rota a seguir, rota essa que conduza ao triunfo, à emancipação, ao arrebol reivindicador que deve fulgir rutilante, deslumbrador, aureolando de luz redentora o homem proletário, a mulher trabalhadora, a criança humilde.

Nada de precipitações, nada de sobressaltos, nada de vaniloquios que só trazem prejuízo.

Caminhemos a passos curtos mas seguros, firmes, enérgicos; não avancemos de pressa para não ter de recuar.

A hora que passa é de construção consciente, de sementeira cuidadosa, e não de abandono na cómoda mas improdizível teoria.

T. A.

AS LEIS E A JUSTIÇA

Meditei sobre a filosofia do direito — disse M. Bengeret — e vi que toda a justiça social se baseia nestes axiomas: o roubo é condenável; o produto do roubo é sagrado. Eis os princípios que alicerçam a segurança dos indivíduos e mantêm a ordem no Estado.

Se alguns destes princípios tutelares fôsem desconhecidos, a sociedade inteira cairia. Foram ambos estabelecidos no princípio dos tempos.

Um chefe vestido de peles de urso, armado de uma acha de pedra e de uma espada de bronze, voltou com os seus companheiros ao cercado de pedras onde os outros homens da tribo estavam encerrados com os rebanhos de mulheres e de rezes.

Traziam consigo as jóvens e os jovens das tribus vencidas, e também pedras caídas do céu, que eram preciosas, porque com elas faziam-se espadas que não se doavam.

O chefe subiu a um montículo, no meio do creado, e disse: «êstes escravos e êsse ferro, que arrebatéi aos homens débeis e desprezíveis, são meus. Aquêle que puzer as suas mãos sobre isto, sofrerá o golpe da minha acha».

Tal é a origem das leis. A sua significação íntima, é antiga e bárbara. E porque a justiça é a consagração de todas as injustiças, infunde confiança a todo o mundo.

Um juiz pode ser bom, porque os homens não são maus; a lei não pode ser boa, porque é anterior a toda a ideia de bondade. As alterações introduzidas na lei, através dos tempos, não alteraram o seu carácter original.

Os juristas deram-lhe subtilidade e têm-na conservado bárbara.

E pela sua própria ferocidade que ela é respeitada e parece augusta.

Os homens são propensos a adorar os deuses maus e aquêlo que não é cruel não lhes parece venerável.

Os justiciáveis acreditam na justiça das leis. Não possuem uma moral distinta das dos juizes e pensam como êles, que uma acção castigada é uma acção castigável. Muitas vezes imaginam, ao presenciarem um julgamento, que o culpado e o juiz estão perfeitamente de acordo sobre as ideias do bem e do mal.

Um e outro têm as mesmas preocupações e uma moral comum.

A. FRANCE

TEATRO NACIONAL

HOJE E AMANHÃ não há espectáculo

SÁBADO:

Festa de homenagem

à culta e inteligente actriz-em-presária

Berta de Bivar

com o célebre drama

A MORTE CIVIL

Protagonista: Alves da Cunha

QUEIXAS E RECLAMAÇÕES

Se queres ver o vilão...

José Cândido é uma destas pessoas fadadas para os grandes cometimentos. Ainda não há muito tempo, era mestre da Fábrica Têxtil Bemfica, Lda., e, por um destes caprichos do Destino, de súbito apareceu como sócio da fábrica; o que lhe mereceu o sobrinho de «Pequeno sócio».

Quando não era patrão, o Cândido apresentou-se como indivíduo muito cioso dos seus direitos. Mas assim que passou de categoria, esqueceu-se do passado e vá de procurar desgastar os seus antigos companheiros, a fim deles abandonarem a fábrica e não ter quem lhe expresse o procedimento.

Ultimamente, embotrou com a operária Lúcia da Conceição, encarregada dos carros, que há 12 anos trabalha na casa. No sábado último, queria que essa operária fôsse varrer o escritório. E como a Lúcia lhe retorquisse que não era essa a sua função, o Cândido, numa cênica acção, ordenou o seu despedimento.

Isto nos foi ontem contado na nossa redacção e aí fica, para que todos os operários fiquem sabendo de que é capaz um «Pequeno sócio».

Se êle chega a «grande sócio», é capaz de mandar fuzilar os operários... Livra...

Um farmacêutico modelar

Isto de mutualismo merecerá de nós, um dia, algumas palavras de comentário. São inúmeros os protestos contra a falta de consideração pelos mutualistas, e com vagar e atenção ainda hâvemos de contar o que são algumas dessas agremiações, que cuidam de tudo menos dos interesses dos que para lá dão dinheiro.

Manuel Domingos Ferreira veio contrariar-nos um caso, na verdade edificante. Adeceu-lhe um filho e chamou um médico do Monte «A Nacional». O clínico depois de auscultar o doente aconselhou-o a não comer e a tomar água de Vidago e um medicamento.

De harmonia com a indicação do médico, a família dirigiu-se à Farmácia Latina, sita na rua de São Bento para lá aviarem a receita.

Porém há três dias que se dirige para aquele estabelecimento visto o farmacêutico se recusar a fornecer-lhe a água de Vidago, chegando mesmo a maltratar quem lhe vai reclamar o que de direito lhe pertence.

Para que o doente não sofra, a família do referido doente terá que adquirir numa outra farmácia o que o irracional farmacêutico não lhe quer dar, pagando assim duplamente: para o Montepio que não lhe dá os medicamentos e por cima ainda o insulta e a quem lhe venda o produto de que necessita.

Este farmacêutico deveria ser considerado com a medalha de «Mérito, Generosidade e Filantropia».

MUSICA

O concerto de hoje no Salão do Conservatório

No Salão do Conservatório, rua dos Caetanos, realiza-se hoje, com início às 21,30 horas, um único concerto musical pela eximia violinista, D. Dora Soares, 1.º prémio do Conservatório Nacional de Música do Rio de Janeiro e pelo grande pianista sr. Varella Cid, professor do Conservatório de Música de Lisboa.

O programa desse concerto é o seguinte: I—Sonata a Kreutzer, Beethoven.—II Andante sostenuto—Presto, II Andante com variazioni, III Finaie—Presto, por Dora Soares e Varella Cid.

II—Fantasia Apassionata (op. 35), H. Wietektempo.—III Allegro moderato, Andante, Moderato, II. Largo, III Finaie—Sallatella, por Dora Soares. Estudos sinfónicos, Schumann, por Varella Cid.

III—Sonata em lá maior, César Franck.—III Allegretto ben moderato, II Allegro, III Recitativo—Fantasia, IV Allegretto poco mosso, por Dora Soares e Varella Cid.

CONFERÊNCIAS

Universidade Popular Portuguesa

O sr. dr. Roberto Chaves, professor da Faculdade de Medicina, realiza hoje, pelas 21 horas, na sede da Universidade Popular Portuguesa, Rua Particular à Rua Almeida e Sousa, a segunda das suas conferências sobre «O sangue». Haverá também sessão cinematográfica.

Por motivo de força maior o sr. dr. Santa Rita não pode iniciar na próxima sexta-feira a sua série de conferências sobre «História da Civilização» na secção que a Universidade tem instalada na sede do Sindicato do Pessoal dos Arsenalistas do Exército.

"A água como alimento"

Na Universidade Livre, praça Luís de Camões, 46, 2.º, realiza hoje, às 21 horas, o sr. dr. Bentes Castel-Branco, uma lição popular de higiene individual, sobre: «Como e o que se deve beber. Temperança e abstinência. A bebida mais forte é a água. Suas vantagens fisiológicas. Os perigos do alcoolismo. A respiração. Função dos pulmões, etc.» No fim haverá um testemunho vegetariano. Entrada franca.

FIGUEIRA DA FOZ

A Batalha vende-se nesta localidade na barbearia de Figueira Pinto da Fonseca, na rua da República, 132.

TEATROS

Gimnásio

A festa de Joaquim de Oliveira

Joaquim de Oliveira é dos actores portugueses, um dos que mais se tem evidenciado pelos seus processos modernos de representação. A consciência com que interpreta os seus papéis iguala a honestidade com que os desempenha. Estuda sempre, e estuda com método, com orientação, as suas qualidades se salientam. Portanto, a festa artística deste interessante artista não pode passar sem que se lhe faça a referência merecida.

O caso do dia tem já feita a crítica, como a tem a interpretação em que Joaquim de Oliveira apresenta um dos seus melhores tipos de composição. Mas o actor abalancou-se a incarnar o protagonista da peça de Bracco D. Pedro Canzo. Este acto, fortemente dramático, pincelado de situações vigorosas em que a máscara, o gesto e a voz se harmonizam num desamento de tragédia humana, raras vezes tão vivida em palcos, só pode ser representado por quem tenha muitas qualidades. Fê-lo Zaccari, Ferreira da Silva e muitos outros actores de póipa. Quis também fazê-lo Joaquim de Oliveira e, devemos dizer, venceu com inteligência as grandes dificuldades do papel e pôde, desde este momento, marcar mais alguns valores na sua porfiada carreira artística. A scena com o «Conde», sentida como foi, honra qualquer actor por muito elevada que seja a sua categoria. Joaquim de Oliveira tem direito a que digamos dele o que não é possível dizer de muitos outros actores: que é um autêntico valor no teatro português.

Nogueira de BRITO.

Espectáculos de hoje

TEATROS

Teatro São Carlos.—A's 21,15.—«Entre os lobos».

Teatro S. Luís.—A's 21.—«Paganini».

Teatro da Trindade.—A's 21,15.—«O Quebranto».

Teatro do Gimnásio.—A's 21.—«A Sorridente».

Teatro Politeama.—A's 21.—«Lourdes».

Teatro Apolo.—A's 20,30 e 22,30.—«Mouraria».

Teatro Variedades.—A's 8,30 e 10,30.—«O senhor roubado».

Teatro Avenida.—A's 21,30.—«O bom ladrão».

Coliseu dos Recreios.—A's 21.—Companhia de Circo.

Teatro Salão Foz.—A's 21.—Variedades.

Teatro Joaquim d'Almeida.—A's 20 e 21.—Cinema e variedades.

CINEMAS

Tivoli.—Todas as noites animatógrafo. Salão Olimpia.—Todos os dias das 2,30 da tarde às 12,30 da noite. Sessões consecutivas de animatógrafo e concerto musical.—Rua dos Condes.

Jardim Zoológico.—Exposição de animais.

Teatro Nacional

Berta de Bivar e «A morte civil»

E' no sábado que se realiza no teatro Nacional, a festa de homenagem à actriz-empresária Berta de Bivar, com a primeira representação da celebre peça «A morte civil», uma das grandes criações dos eminentes artistas Zaccari e Vico. O protagonista vai ser interpretado, pela primeira vez, pelo notável actor Alves da Cunha.

Trindade

A notável peça «O Quebranto»

Se a peça «O Quebranto», tanto na ordem do dia, grande sucesso da actualidade, sendo a obra prima do teatro brasileiro, de Coelho Neto, é já por si um primoroso espectáculo que ninguém deve deixar de ver; e nos seus três actos, que são o reflexo da vida íntima de certa sociedade do Rio de Janeiro, a companhia Lucília Simões-Erico Braga se impõe como o maior agrupamento artístico de Portugal.

Apolo

«A Mouraria»

Mais uma noite de alegria terá hoje quem fôr ao Apolo: E' lá que em scena a «Mouraria», a peça que possui o condão de a todos agradar, cheio de interesse e curiosidade, ao desenrolar das situações da pitoresca produção em que Lino Ferreira, Silva Tavares e Lopo Lauer deram exuberantes provas das suas aptidões como escritores teatrais.

Na «Mouraria», os que querem rir, tem, na peça, largo ensejo de o poder fazer. Pelo contrário, os que preferem sentir vibrar a corda sentimental, também, nessa opereta, encontram o que pretendem. Assim, a «Mouraria» com a sua linda partitura, com os seus fados, é peça para todos os paladares.

Eden-Teatro

O Rei dos Judeus

Está marcada para amanhã, no Eden-Teatro, e em duas sessões, a primeira representação da peça «O Rei dos Judeus», original em verso, em 2 actos e 15 quadros, de Silva Tavares e Carvalho Mourão. A nova produção, inédita, que José Clemente ensaiou com a sua proficiência e gosto artístico, está assim distribuída: «Virgem Maria», Palmira Torres; «Magdalena», Elisa Carreira; «Jesus Cristo», Holbeche Bastos; «Pilatos», Valério de Ralanto; «Judas», António Gomes; «Verónica», Arminda Martins; «Anaz», Mário Campos; «Um cego», Castimiro Tristão; «Pórcio», João Guerra; «Dário», Carlos Sousa; «Mãe de Judas», Emilia Berardi; «Simão Crimen», Agostinho Lagos; «Silvia», Emilia Berardi; «Judeus», Jorge de Sousa e Armando Ferreira; «Uma mulher», Carolina Simas; «Samaritana», Elisa Carreira; «Anunciação», Arminda Martins.

«O Rei dos Judeus» tem quadros de grande aparato e situações empolgantes.

Coliseu dos Recreios

«A Vida de Cristo»

Dia a dia se acentua o entusiasmo pelas recitas da Semana Santa promovidas pelo Grémio dos Artistas Teatrais com a nova peça sacra «A Vida de Cristo».

Carlos Santos vai desempenhar o papel de «Moisés», aia de Lia, amante de Pilatos; Alvaro de Almeida fará o papel de «Longuinhos», estando ainda outros papéis masculinos de destaque a cargo de António Palma, «Um levita»; Constantino de Carvalho, «Um mercador»; Augusto Conde, «O Pastor Velho»; Ruben de Melo, «O bom ladrão»; Joaquim Miranda, o de «Eli-zer»; Henrique de Oliveira, de «Zabedi»;

TIVOLI

MATINÉE às 15 horas

SOIRÉE às 21 horas

Uma obra prima de cinematografia dinamarquesa

AMO E SENHOR

Comédia sentimental, em seis partes, com

John Meyer—Astrid Holm—

Matilde Nielsen

Realização de Carl Dreyer

O medroso valente

Comédia de aventuras, em 2 partes, com

Douglas Fairbanks

(Documentário)

UMA CINÉ FARÇA

REVISTA MUNDIAL

Orquestra sob a direcção do maestro

NICOLINO MILANO

Amanhã: — Matinée às 15 horas

SEGUNDA FEIRA, 11

A FERA DO MAR

com John Barrymore

Jorge Roldão, o «Apóstolo Mateus»; José Vitor, o «Apóstolo Marcos»; José Cardoso, o «Tribuna de Pretório»; José Alves Júnior, o de «Maleak»; Francisco Sampaio, de «Simão Pedro»; José dos Santos, o «Serventário»; Octávio Bramão, o de «Paulo»; Raúl Páncica, o «Velho Galileu», etc.

Todos os outros núcleos federados no Grémio dos Artistas Teatrais colaboram na festa num concurso deversos interessante. Assim, o 1.º acto será pontado por António Torres, o 2.º por Vieira Marques, e o 3.º por João Santos, três hábeis profissionais. António Tavares, Saul Ferreira e António Ferro irão a montagem da peça.

Os bilhetes, que têm sido disputadíssimos, continuam a ser marcados no largo da Anunciada, 9, 1.º e pelo telefone N. 4886.

Hoje dois espectáculos em matinée e à noite

Hoje realizam-se no Coliseu dos Recreios dois sensacionais espectáculos: um em matinée elegante, a última da temporada, na qual será exibido um programa surpreendente, tendo entrada gratuita as crianças até dez anos, e outro à noite em que tomam parte todas as novidades e atrações da grande companhia de circo, no número dos quais tem primacial lugar a interessante pantomima oriental «Mil e uma Noites» posta em scena com grande deslumbramento de cenário, de guarda-roupa e de luz.

Um luxuosa cavalcada em que entram na pista sultanas, odaliscas, bailarinas, escravos, enuncos, etc., a admiração de toda a gente que ovaciona entusiasticamente o seu autor, o célebre professor Truzzi que executa com os seus trinta cavalos artistas os mais extraordinários e surpreendentes exercícios, havendo uns que dançam, outros músicos, outros equilibristas e até um que é gáuno, roubando com uma perícia e uma fraqueza inextinguíveis.

O célebre artista Nemo, o homem avestruz e o homem candieiro, continua a maravilhar a assistência com os seus extraordinários trabalhos de omifagia, comendo ferro, cacos, vidros, etc.

E como esta é a última semana em que a companhia está em Portugal toda a gente deve aproveitar estes quatro dias que restam para a ir admirar.

Salão Foz

«Secretário dos Amantes»

Realizam-se hoje no Foz as 1.ª e 2.ª representações, da nova revista em 2 actos e 9 quadros. «Secretário dos amantes», de Lino Ferreira, Silva Tavares, Lopes Laner, Xavier de Magalhães e Lourenço Rodrigues, musica de Filipe Duarte, Angela Gomes e Rual Fernão, e na qual se estreiam neste teatro Hortense Luz e Joaquim Prata, sendo o compêre desempenhado por José Victor.

ESTE SEGURO IMPÕE-SE A TODOS OS TRABALHADORES

Todo o operário ou trabalhador por 33 CENTAVOS POR DIA garante a si e a sua família, em caso de morte, um capital de ESC. 5.000\$00 pago imediatamente. Se economizar 58 CENTAVOS POR DIA DURANTE 30 ANOS garante para a sua velhice uma pensão de reforma de ESC. 100\$00 MENSAIS pagos enquanto for vivo.

Operários, trabalhadores, sede previdentes para com as vossas famílias e para com vós mesmos, segurando-vos em

A MUNDIAL

Companhia de Seguros



Sede — Rua Garrett, 95
LISBOA

Sociedade Anónima
de Responsabilidade Limitada

IMPORTANTE:

Mediante um ligeiro sobre-prémio,
A MUNDIAL põe-vos há ao abrigo da

DOENÇA E INVALIDEZ

GRANDE GARAGE UNIÃO, LTD.

— DE —

GODINHO E POUSADA

Recolha e lavagem de automóveis

VENDAS DE GASOLINA, ÓLEOS E ACESSÓRIOS

Rua Visconde de Santarém, 6 G U 59 (ao Arco do Cego) Telefone Norte 994

TABELA DE PREÇOS

Carros de praça c/ lavagem	150\$00	Recolha avulso c/ lavagem	15\$00
particulares c/ lavagem	100\$00	Recolha avulso c/ lavagem	10\$00
c/ cabine	240\$00	Lavagem avulso	10\$00
sem direito a lavagem	110\$00		

Os carros de praça que por declaração escrita tomarem o compromisso da compra nesta garage, aos preços correntes, da gasolina, óleos e acessórios, ser-lhes há feito o preço de recolha com lavagem, de Esc. 125\$00.

Biblioteca de Instrução Profissional

Elementos gerais

Algebra elementar	13\$00
Arithmetica pratica	15\$00
Desenho linear geometrico	12\$00
Elementos de electricidade	30\$00
Elementos de fisica	12\$00
Elementos de Mecanica	12\$00
Elementos de Modelagem	12\$00
Elementos de Projectoes	16\$00
Elementos de Quimica	12\$00
Geometria plana e no espaco	13\$00
Fabricante de tecidos	13\$00

Mecanica

Tornelino e Frezador mecanicos	15\$00
Desenho de maquinas	25\$00
Material agricola	13\$00
Nomenclatura de caldeiras e maquinas a vapor	13\$00
Problemas de maquinas	16\$00

Construção Civil

Acabamentos das construções	16\$00
Alvenaria e Cantaria	13\$00
Edificações	13\$00
Encomendamentos e salubridade das habitações	13\$00
Material de construção	20\$00
Terraplenagens e alioseres	13\$00
Trabalhos de Carpintaria	16\$00

Diversas indústrias

Condutor de Máquinas	20\$00
Foguetes	16\$00
Formador e estuador	12\$00
Fundidor	13\$00
Pilagem	16\$00
Industria alimentar	12\$00
Industria do vidro	12\$00

Manuais de officios

Salvamento	18\$00
Motors de explosão	20\$00
Navegante	16\$00
Cimento armado	25\$00

A. VALENTE DE OLIVEIRA

PROCURADORIA

Rua Garrett, 48, 5.º — LISBOA

Cebsanga de dividas — Questões de Inquilinato

— Hipotecas — Casamentos — Divórcios

Ações em todos os tribunais

Grátis aos pobres

Aos pobres recomendados pelo jornal A Batalha e a todos os residentes na freguesia do Sacramento, damos consultas, para informações sobre diversos assuntos, como questões a resolver em tribunais, de inquilinato, etc. e fazemos toda a espécie de requerimentos, memoriais, petições, etc., gratuitamente.

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO

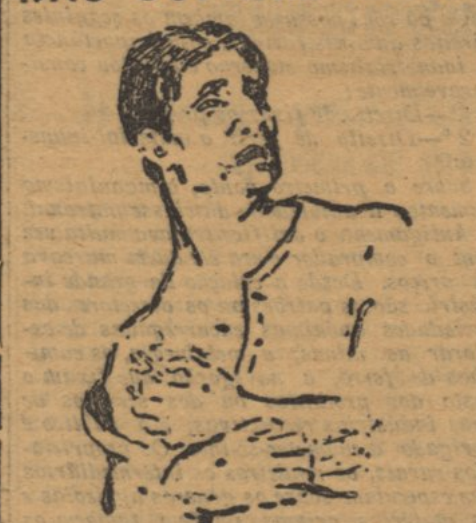
SÓ COM O LUCRO DE 10%

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora	30\$00
Sapatos em veraiz	38\$00
Sapatos pretos (grande e pequeno)	48\$00
Botas brancas (salão)	28\$00
Grande salto de botas pretas	38\$00
Botas de couro para homem	48\$00

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a Social Operaria de Rua Garrett, 48, 5.º. A Social Operaria é a Social Operaria de Rua Garrett, 48, 5.º.

NAO SOFRAM MAIS!



— Usem HERPETOL para as —

doenças da pele (—)

Umas gotas deste medicamento acabam e fazem por completo desaparecer a coçicação. O HERPETOL é a realidade o primeiro medicamento descoberto para as doenças da pele, tais como: ECZEMAS, MANCHAS, ERUPÇÕES, ESPINHAS, CROSTAS, ARDENCIA NA PELE E MORDEDURAS DE INSECTOS. Instantes depois da aplicação, o doente vê com regozijo sintomas de restabelecimento. A CURA É CERTA, em muitos casos um só frasco e o suficiente para uma cura. Se não, compre sem demora esta especialidade que se vende nas principais farmácias.

DEPOSITOS:

LISBOA, R. DA PRATA, 237, 1.º

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.

Pedidos a:

FRANCISCO LATTA

LARGO DO CONDE BARÃO, 53

Tabacaria e Kiosque

A' venda na administração

de "A Batalha"

Cartilha do homem do povo... 50

Programa agrícola do Partido Operário Francês, por Paulo Lotegne... 50

Deus, o Diabo e o Homem, por Lourenço da Silva... 150

Cartas politicas, por João Chagas, diversos numeros, cada exemplar... 150

A Humanidade, por Tarai Javol... 150

O Abortamento, pelo Dr. Confeymon e I. Budin... 250

Monarquia Jesuitica, por Melchior Zuchow... 250

Os gatos, por Fialho de Almeida, os tres primeiros numeros da 2.ª serie... 250

O Militarismo, pelo prof. Almeida Paiva... 250

Os Crimes da Sacristia, por Alexandre Barbas... 350

A Religião da Humanidade, por José Augusto Correia... 350

A Filologia perante a História, por Nobre França... 500

Os direitos do Estado, por A. Levisse... 250

Teófilo Braga, traços biográficos por Francisco Simões Botelho... 300

O que é o socialismo, por E. Soisson... 150

O corpo humano, por A. Levisse... 250

Gravidez e parto, pelo Dr. Desvureux... 150

Os primeiros socorros a doentes, por A. C. Barroso da Silveira... 250

Determinação do valor físico do adulto, por A. C. Barroso da Silveira... 150

O concilio de Trento e a Civilização Moderna, por Alexandre Barbas... 350

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro util ás boas donas de Pedidos a administração de A Batalha, casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50.

Menstruação

Aparece rapidamente seja qual for a causa tomando o

FERREOL

Não prejudica a saúde. Caixa 15\$00.

Envia-se pelo correio á cobrança.

FARMACIA CUNHA

R. da Escola Politécnica 16 e 18

LISBOA

Atenção!!!

VENDEM-SE directamente das fábricas ao público lanifícios, assim como fatos por medidas em bons estambres desde 200\$00, 250\$00 e 300\$00.

Fatos feitos para homem em casimiras em todas as medidas desde 100\$00, 120\$00, 130\$00 e 140\$00. Fatos feitos para rapaz desde 70\$00. Calças já feitas para homem em todas as medidas, desde 30\$00, 35\$00, 40\$00 e 50\$00. Grande stock de casacos de senhora desde 80\$00, 100\$00, 120\$00 e 140\$00.

Casa dos Lanifícios. Calçada do Combro, 72, 74.

Miguel Fraga

Vende ouro, prata e objectos com brilhantes por baixo preço

Grande sortimento de monogramas de ouro e prata para carteiros

Rua da Palma, 26-28

Livraria de A BATALHA

OBRAS DE LITERATURA, CIÊNCIA E ENSINO

Abel Botelho — Amanhã	16\$00
Alexandre Hercolano	
Lendas e Narrativas (2 volumes)	18\$00
Cartas (2 volumes)	18\$00
História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal (3 vols.)	27\$00
Adolfo Lima	
Contracto do Trabalho	10\$00
Educação e ensino	5\$00
O ensino da história	15\$00
Aquillino Ribeiro	
Anatole France	3\$00
Estrada de São Tiago	10\$00
Jardim das Tormentas	10\$00
Via Sinuosa	10\$00
As Filhas da Babilônia	10\$00
Terras do Demo	10\$00
Augusto Machado — Impossível redenção (novela)	2\$50
Augusto de Sousa — Folhas perdidas (Fados)	10\$00
Bento Faria — Missa nova (teatro em verso)	2\$00
Binet-Sanglê — A loucura de Jesus	4\$00
Buckner — O homem segundo a ciência	12\$00
Charles Darwin — Origem das espécies	14\$00
Campos Lima	
O Estado e a evolução do Direito	12\$00
O Amor e a Vida	5\$00
Ceia dos Pobres	2\$00
A Revolução em Portugal	6\$00
Cristiano Lima — A escola de Nun'Alvares (novela)	2\$50
Duarte Lopes — Frei Sanguê	5\$00
Eça de Queiroz	
O crime do Padre Amaro	18\$00
O Primo Basílio	15\$00
O Mandarim	8\$00
O Mais (2 vols.)	28\$00
A Religião	18\$00
A Cidade e as Serras	12\$00
Frade Mendes	9\$00
Casa Ramires	15\$00
Prosa Bárbara	10\$00
Ecce de Paris	9\$00
Cartas Familiares	9\$00
Cartas de Inglaterra	9\$00
Minas de Salomão	9\$00
Notas Contemporâneas	15\$00
Últimas páginas	15\$00
Contos	15\$00
Ernesto Haackel	
História da Criação	20\$00
Origem do Homem	5\$00
Os enigmas do Universo	14\$00
Monismo	4\$00
Religião e evolução	6\$00
As maravilhas da vida	14\$00
Faguet — Iniciação filosófica	5\$00
Iniciação literária	10\$00
Faria de Vasconcelos	
Problemas escolares	5\$00
Por terras de além mar	5\$00
Ferreira de Castro	
Sangue Negro	2\$50
Sendas de Lirismo e de Amor	8\$00
A Peregrinação do Mundo Novo	6\$00
F. Castro e E. Frias — A Boca da Esquina	8\$00
Flamarion	
Iniciação astronómica	5\$00
Contos de luar	5\$00
Como acabar o mundo?	7\$00
Os habitantes dos outros mundos	4\$00
Felix de Dantes — As influências ancestrais	10\$00
Fialho de Almeida	
Lisboa Galante	10\$00
Estâncias de Arte e Saúde	9\$00
Figuras de destaque	9\$00
Actores e Autores	9\$00
Contos	9\$00
A Esquima	9\$00
Aves Migradoras	9\$00
Barbear, Pentear	9\$00
Cidade do Vício	9\$00
Pasquinadas	10\$00
Paiz das Uvas	9\$00
Saibam quantos	9\$00
Vida errante	9\$00
Vida ironica	9\$00
Guerra Junqueira — A morte de D. João	10\$00
Musa em férias	9\$00
Os Simples	7\$00
A velhice do Padre Eterno (Encarnação de luxo)	14\$00
Brochado	10\$00
Gorki — Os Degenerados	4\$00
Os Vagabundos	4\$00
Na Prisão	2\$50
Ibsen — Espectros	4\$00
Casa de bonecas	5\$00
Jaquetin — História Universal, 2 v.	10\$00
Jaime Cortezado — Adão e Eva (teatro)	5\$00
José Benedit — A ciência redentora (novela)	2\$50
Jesus Peloto — O mestre geral (novela)	2\$50

Jorge Teixeira. — Catunos de Luva Branca — A Escamalha (peças de teatro).....	2\$50
Juliano Quintinha.....	
Visinhos do Mar.....	6\$00
Cavalgada do Sonho.....	8\$00
Terras de Fogo.....	8\$00
Dor vitoriosa (novela).....	5\$25
Laisant. — Iniciação matemática.....	5\$00
Malvert. — Ciência e Religião.....	10\$00
Mário Domingues — Hugo, o pintor (novela).....	2\$50
Anastácio José (idem).....	2\$50
Manuel Ribeiro.....	
Poder redentor (novela).....	2\$50
Mirbeau. — O Jardim dos Suplícios.....	4\$00
Nogueira de Brito.....	
1—Memórias de Angela Pinto.....	15\$00
Sangue Fidalgo (novela).....	2\$50
Não, diz a Lei (novela).....	2\$50
Pargame — Origem da vida.....	8\$00
Oliveira Martins.....	
Helenismo e a Civilização Cristã.....	15\$00
História da Civilização ibérica.....	15\$00
História da República Romana (2 volumes).....	30\$00
História de Portugal (2 vol).....	30\$00
Raças Humanas (2 vol).....	30\$00
O Brasil e as Colônias Portuguesas.....	15\$00
Sistemas Peninsulares.....	15\$00
Sistema dos mitos e fidejos religiosos.....	15\$00
Orlando Marpa.....	
Águas claras.....	6\$00
Imagens de Sônhô.....	1\$00
Raul Brandão.....	
Os Pescadores.....	10\$00
Os Pobres.....	10\$00
O Teatro.....	8\$00
Spencer—Da Educação (br. 5800)enc. Sobral de Campos — Dois tiros (novela).....	8\$50
Tolstói. — A sonata de Kreutzer.....	4\$00
Ana Karenine (3 vol).....	15\$00
Toulouse. — Como se deve educar o espírito.....	4\$00
Wenceslau de Moraes.....	
Dai-Nippon.....	12\$50
Victor Hugo.....	
Francia. Belgica.....	10\$00
O Reno (2 v.).....	15\$00
Os Miseráveis (2 grossos vol)ilustrados, encadernados.....	40\$00
Zola.....	
A Taberna.....	12\$00
Tereza Raquin.....	5\$00
Alegria de viver (2 vol).....	8\$00
A conquista de Plassans, (2 vol).....	8\$00
Fecundidade.....	20\$00
A fortuna dos Rougons, (2 vol).....	8\$00
Uma página de amor.....	9\$00
Dr. Pascal.....	9\$00
FOLHETOS	
Elsheu Reclus — Anarquia e a Igreja.....	1\$00
A Evolução legal e a anarquia.....	3\$00
Gonçalves Correia — Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura.....	5\$00
José Prat. — A burguesia e o proletariado.....	5\$00
A necessidade da Associação.....	5\$00
Content. — Contra o confusãoismo.....	3\$00
Alfredo Neves Dias. — Razão (poema social).....	5\$00
Ernesto da Silva. — Teatro livre : Arte Social.....	3\$00
Landauer. — Social Democracia.....	3\$00
R. Most. — O princípio do fim.....	3\$00
..... Anarquaria e o proletariado.....	3\$00
J. Most. — Feste religiosa.....	5\$00
João P. do Rio.....	
Definições sociais.....	3\$00
Horas anarquicas (versos).....	5\$00
Trovas da Noite.....	13\$00
Roberto, o pescador.....	19\$00
Memórias do Parque de São João do Forte.....	1\$00
..... Carnet de Pensamento.....	2\$00
J. Bakunine. — O sentido em que 30 mos anarquistas.....	5\$00
Chueca. — Como não ser anarquista.....	5\$00
Lazare. — A Liberdade.....	5\$00
B. Etivant. — A minha defesa.....	5\$00
J. Kropotkine.....	
Os bastidores da guerra.....	3\$00
Moral anarquista.....	5\$00
O espírito revolucionário.....	1\$00
O estado e o papel histórico.....	13\$00
J. Guedes. — Lei dos Salários.....	3\$00
Briand. — A greve geral.....	3\$00
Roland. — Russia Nova.....	3\$00
O socialindismo e os intelectuais.....	3\$00
D. Carvalho. — A gestão sindical no período revolucionário.....	5\$00
A. Hamon. — A crise do socialismo.....	5\$00
J. Santos. — A transformação da sociedade.....	5\$00
Neno Vasco.....	
Georgicas.....	3\$00
Greve de inquilinos, teatro.....	15\$00
..... Proletariado Histórico.....	1\$00
G. Archinof. — A Revolução social e o Sindicalismo.....	5\$00
Carlos Rates. — Aditadura do proletariado.....	1\$00
Emilio Chapellier. — Porque não creio em Deus.....	1\$00
Rodolfo Rocker. — Osindicalismo revoluc. e a organização operária.....	1\$00



SUPERSTIÇÕES DOS POVOS

O CULTO DOS HERÓIS E AS GLORIFICAÇÕES DA RAÇA

Honestamente reconhecemos que a tese dos nossos artigos, de há muitos anos para cá, assume o carácter pejorativo.

Com igual sinceridade, porém, aqui confessamos que não nos anima um espírito derrotista. Infelizmente, expondo o que sentimos e vendo os factos e ocorrências pelo prisma que se nos afigura mais lógico e mais justo, em vez de saír-nos um primor de optimismo, com o que muito fôgamos, aparece-nos um comentário doloroso a tudo o que se passa.

As escolas literárias, artísticas ou filosóficas provêm do homem traduzir e interpretar o meio em que vive, independente da sua aparência, ou, melhor, da sua hipotética vontade.

Como se explicam as contínuas Sátiras de Juvenal, a não ser pela dissolução que principiava a acentuar-se no Império Romano?

Porque se tornaram célebres os Autos de Gil Vicente, se não pelo calor com que retrata e castiga os clérigos, os licenciados, os fidalgos, os arzenheiros, os lavradores, os ermites, os frades, as regateiras, os almocorres e quantos mais que já no século seiscentista cobria de ridículo, como hoje, a sociedade portuguesa?

Assim nós, dentro da nossa insignificância, mas sempre encerrados dentro do nosso critério, ao qual nem sabemos nem podemos subtrair-nos, impedidos por princípio de falsear o que se nos afigura ser a realidade do que se passa, aqui vamos pelo tempo fora continuando a escalarizar os nossos desnaturalizados costumes, que no final de contas são apenas a resultante necessária da nossa constituição étnica.

Fundo sintoma de degenerescência nos parece divisar nesta febre nacional de proclamar heróis numa época em que já não os há.

Sim! porque os heróis despotam sempre e unicamente no alvorecer das civilizações. Desçam do Céu, ou surjam da Terra, vivem e morrem, praticando façanhas sem realidade prática.

Para os hebreus, o herói era—*gibbor*—o soldado, o guerreiro, e também a força divina visto que se acreditava então que do Céu lhe recebia o seu poder sobrenatural.

Também para os irlandeses da Verde Erine, o herói era—*greit*—o campeão divino, aquele que do Céu recebia as suas faculdades sobrenaturais.

E os velhos Romanos diziam — o divino Baco e a divina Vênus — heróis autênticos do vinho amor!

Também ao despotar das civilizações se confundia o culto de heróis com a metafísica errônea de todas as religiões, já que são elas as que, na História, inscrevem mais nomes de heróis.

E que estes confundem-se com os deuses e semi-deuses.

O lendário Cristo não foi menos herói do que Brama ou Buda.

Zoro astro, que com o seu Zond-Avesta; espécie de bíblia oriental, fundou a religião dos Persas, foi tão herói como Mahomet que com o seu Alcorão deu o Mahometismo aos Árabes.

E todos eles, alvo de façanhas e heroicidades que a ciência mostra serem apenas adaptações e transformações de muitos primitivos, copiados de Mithra, Christiana e outros, figuram na história como pontos culminantes a destacarem-se no alvorecer de nacionalidades e religiões.

As tradições e as lendas são o que mais alento dá aos heroísmos que chegam a atingir as proporções do inverosímil. Por isto os heróis são vên a ser acreditados pela posteridade e até reverenciados como autênticos, embora sobremaneira, quando adquiriram o privilégio de dogma.

Portugal, porém, devido a várias condições étnicas e históricas, nunca evoluiu por si próprio, nem pela sua iniciativa nacional, e assim tem vindo pelas idades fora sempre isolado ou francamente influenciado pelas grandes correntes mundiais que orientam a civilização e o progresso.

Devido a estes factos, em vez de caminhar-mos à testa da civilização, caminhamos-lhe no coice, atrelados como carne e conjunções por aqueles que nos guiam, sem que lhes Francisco I, a Inglaterra ou o Vaticano!

E' este atraso secular que ainda nos tem no estado mental de divinizados heróis, divinição que desde há milhares de séculos desapareceu nas civilizações mais adiantadas.

Martim Moniz, tanto como o lendário Magriço continuam a ser entre nós autênticos heróis, enquanto a pseudo-heróica França, Joana de Arc, a donzela de Orleans, já por lá passou à história e se entregou aos domínios da ciência com o nome de alucinada e visionária.

A série entre nós adquire as proporções de interminável.

Nuno Alvares Pereira, que a Igreja entendeu há pouco canonizar para melhor servir os interesses do obscurantismo, não foi menos herói do que o Infante D. Henrique, de cuja lendária Escola de Sagres não há nem sequer o vestígio de um capítulo ou uma arqui trave!

Todos heróis! chegamos a perder a qualidade de homens para nos elevarmos à de semi-deuses!

Vasco da Gama e Bartolomeu Dias, muito mais do que navegadores, aclamam-se entre nós apenas como heróis!

Ainda modernamente, na boa mas inocente intenção de elevar o muito ilustre e respeitado Gago Coutinho, proclamam-no apenas herói, nivelando-o com os jogadores do Box, com os Azes do Foot-ball e das Corridas, com o que, sem querer e sem saber, o amesquinham, em vez de o exaltar como cumpria, na sua qualidade de alto matemático, de inventor de um aparelho de orientação, de um sábio enfim!

Heróis — são entre nós os que jogam, os que nadam, os que saltam, os que dançam, os que prevaricam, os que fogem, os que avançam, os que furtam, os que matam, os que conspiram, os que se governam...

Tudo e todos em Portugal são heróis autênticos, confirmados... Dentro do nosso país vive felizmente uma raça de heróis!

* * *

«Raça de heróis!» é frase já consagrada pelo retrocesso espiritual do nosso povo.

As datas mais tristes, as páginas de menos realce da história nacional antiga ou contemporânea, quando não podem mascarar-se de façanhas heroicas, transformam-se em comemorações aparentemente gloriosas da nossa Raça!

E a intolerância acompanha de perto o dispautério, interpretando como falta de patriotismo o que é apenas a fiel interpretação das conclusões mais modernas da etnografia.

Esta ciência já conseguiu ratificar que as diferenciações étnicas, por mais acentuadas que sejam, não chegam a constituir uma característica racial.

«Ou tenham a tez branca, preta ou amarela; que os cabelos sejam lisos, crespos ou encarapinhados; que oriundos do Cáucaso ou da Etiópia, malaio, mongóis ou arcticos, os homens actualmente, depois que a vertigem da velocidade por terra, pelos ares ou através dos Oceanos apressou e facilitou os cruzamentos, não conservam mais as características anteriores, que só de quando em quando e esporadicamente reaparecem.

Para que na humanidade em tudo se revele a tendência para a socialização geral, até nas línguas se está dando uma grande fusão que no futuro virá inutilizar, ou pelo menos relegar ao arquivo das cousas históricas, todas as tentativas até hoje feitas para a classificação lingüística.

Como podem entender-se, pois, em relação a este recanto ocidental da Península Lusitânica, as celebrações e comemorações de raça?

Quem desconhece que entre nós se encontra, dentro de tão acanhado território, a maior variedade de tipos étnicos, que vão desde o crânio dolicocefalo, com a cabeça exageradamente alongada de trás para diante, ao sub-braquicefalo e brachicefalo propriamente dito, de cabeça larga ou redonda?

Cá temos Celtas e Ligúrios. Por cá passaram Árabes, Fenícios, Gregos e Romanos. Inglezes ajudavam Afonso Henriques na conquista de Lisboa. D. Henrique de Borgonha trouxe-nos a fina flor da literatura e galantaria da França. Italianos e Tedescos auxiliaram-nos em Aljubarrota. A Espanha aqui dominou sessenta anos e ainda até hoje não perdemos o seu contacto numa raia extensíssima.

E estas relações tornaram-se mais efectivas pelos cruzamentos, que seriam vantajosos, se não fossem as navegações e conquistas que nos inocularam a mistura sangue Malaio, negro e dos índios da América!

Devido a estes factores, temos nos nossos patricios cabelos que vão do loiro claro até ao preto de azeviche, cores de tez que vão desde o branco mais caucasiano até ao trigueiro mais carregado, já quasi a confundir-se com o negro!

E tantas variantes em nada nos depressim nem aviltam. Não há heróis no mundo, mas apenas homens, todos homens!

Nem as vitórias militares glorificam mais do que as vitórias da ciência, nem as derrotas rebaixam mais do que o desconhecimento das suas causas ou a cobardia que impede de confessá-las com lealdade.

O essencial a um povo que pretende dignificar-se, não é tanto rever-se nos seus heróis do passado nem envidar-se com glórias exageradamente avolumadas, como integrar-se na Civilização geral da sua época, impor-se pela honestidade dos seus costumes e dedicar-se à grande produção pelos métodos do trabalho assíduo e persistente.

Atendamos os que nos têm, trabalhem os ociosos, corrijam-se os que prevaricam, e Portugal, que não precisa de tornar-se maior, ficará grande, sem necessidade de heróis nem de festas de raça.

Ladislau BATALHA

CRONICA DO ESTRANGEIRO

A situação dos liberais em Nicarágua

A guerra civil na república de Nicarágua vai decidindo-se em favor dos liberais. Este movimento também assume uma forte característica nacionalista, pois visa a extinguir a ingerência da diplomacia dos Estados Unidos na política interna da república, que, dizem os chefes em revolta, quer firmar de vez a sua independência nacional.

O exército liberal assenhoreou-se já de Granada e Chinandega, dois pontos estratégicos que garantem o domínio sobre a margem direita do lago de Nicarágua. Este domínio estratégico e político que os liberais conquistaram pelas armas não deve agradar à política imperialista dos Estados Unidos.

O lago de Nicarágua está incluído no plano de construção do canal ansiado pelos Estados Unidos; daí, o canal seria aberto pelo rio de San Juan, que vai desaguar no Atlântico. Ora, os liberais opõem-se à construção do referido canal, visto que a independência de Nicarágua ficaria irremediavelmente nas mãos do imperialismo dos Estados Unidos.

A hostilidade dos norte-americanos transparece nas dificuldades que as tropas invasoras põem ao abastecimento de viveres nas localidades em que triunfam os elementos liberais. O transporte de mercadorias para o interior chega mesmo a ser impedido.

Como se faz desarmamento

A ardente fé do sr. Coolidge

WASHINGTON, 6.—A pesar da resposta negativa da França, o presidente Coolidge não desiste da conferência para o desarmamento naval. Nos meios oficiais considera-se duvidosa a colaboração da Itália.—(L.)

Palavras leva-as o vento...

GENEVA, 6.—A pedido de Lord Cecil, o sr. Paulo Bencour vai reduzir a nota escrita todos os argumentos por ele apresentados para a defesa da tese francesa sobre o limite do desarmamento naval.—(L.)

A opinião francesa

PARIS, 6.—O programa das novas construções navais compreende um cruzador, seis contra-torpedeiros, cinco submarinos e submarino semeador de minas e dois avisos.—(L.)

Uma afirmação britânica

NAPLES, 6.—Fundeou neste porto a esquadra inglesa do comando do almirante Keyes. Entre o almirante e as autoridades navais italianas foram trocados os cumprimentos do estilo.—(L.)

O fogo nos Balcãs

A questão da Albânia

PARIS, 6.—O sr. Briand respondendo à interpelação do deputado comunista Ducius declarou que os acordos franco-iugoslavos haviam sido submetidos ao conselho da S. D. N.—(L.)

Entendimentos italo-hungaros

ROMA, 6.—Mussolini e Bethelen assinaram ontem o tratado de amizade e conciliação e arbitragem italo-hungaro, que contém a cláusula da Itália conceder todas as facilidades ao tráfico da Hungria no porto de Fiume. Os jornais italianos e do estrangeiro consideram o novo tratado como um dos maiores elementos para a pacificação da Europa.—(L.)

Lá e cá...

A última moda inglesa

LONDRES, 6.—O partido trabalhista declarou que combaterá até à última a proposta de lei do governo proibindo a greve das classes trabalhadoras. A comissão mix-

saram Árabes, Fenícios, Gregos e Romanos. Inglezes ajudavam Afonso Henriques na conquista de Lisboa. D. Henrique de Borgonha trouxe-nos a fina flor da literatura e galantaria da França. Italianos e Tedescos auxiliaram-nos em Aljubarrota. A Espanha aqui dominou sessenta anos e ainda até hoje não perdemos o seu contacto numa raia extensíssima.

E estas relações tornaram-se mais efectivas pelos cruzamentos, que seriam vantajosos, se não fossem as navegações e conquistas que nos inocularam a mistura sangue Malaio, negro e dos índios da América!

Devido a estes factores, temos nos nossos patricios cabelos que vão do loiro claro até ao preto de azeviche, cores de tez que vão desde o branco mais caucasiano até ao trigueiro mais carregado, já quasi a confundir-se com o negro!

E tantas variantes em nada nos depressim nem aviltam. Não há heróis no mundo, mas apenas homens, todos homens!

Nem as vitórias militares glorificam mais do que as vitórias da ciência, nem as derrotas rebaixam mais do que o desconhecimento das suas causas ou a cobardia que impede de confessá-las com lealdade.

O essencial a um povo que pretende dignificar-se, não é tanto rever-se nos seus heróis do passado nem envidar-se com glórias exageradamente avolumadas, como integrar-se na Civilização geral da sua época, impor-se pela honestidade dos seus costumes e dedicar-se à grande produção pelos métodos do trabalho assíduo e persistente.

Atendamos os que nos têm, trabalhem os ociosos, corrijam-se os que prevaricam, e Portugal, que não precisa de tornar-se maior, ficará grande, sem necessidade de heróis nem de festas de raça.

Ladislau BATALHA

CRONICA DO ESTRANGEIRO

ta da Trade Union e Labour Party, deliberou combater energicamente a proposta de lei repressiva dos movimentos grevistas.—(L.)

Premiando o "esforço"...

BRUXELAS, 6.—O Senado aprovou a elevação do subsídio parlamentar de 4 a 8000 francos.—(L.)

Amigos dos diabos...

BERLIN, 6.—Ao contrário do que foi espalhado, o sr. Stresemann concordara com o Vaticano.—(L.)

Em poucas linhas

AIAHABA, 6.—Foi encontrada numa caverna de lobos uma criança com sete anos. Perdeu a faculdade de se exprimir por palavras, apenas sabendo articular sons semelhantes aos uivos dos lobos.

A criança foi internada num asilo para tratamento especial.—(L.)

TUNIS, 6.—Reúne na Argélia em 8 de Maio a quarta conferência norte-africana.—(L.)

MONTREAL, 6.—A epidemia do tifo tende a desaparecer. Nas últimas 24 horas deram-se 87 casos contra 167 anteriores.—(L.)

BUCAREST, 6.—O rei Fernando, conforme a opinião de um médico inglês, foi envenenado, estando irremediavelmente perdido.—(L.)

PARIS, 6.—No naufrágio do Bork, no Loire, porto de Saint Etienne morreram 12 homens.—(L.)

CRISE DE TRABALHO

Na indústria da construção civil

Reúne-se ontem o conselho de secções do Sindicato Unico da Construção Civil de Lisboa, tomando conhecimento das negociações efectuadas pelos seus delegados junto do ministro do Comércio e presidente da comissão administrativa da Câmara Municipal de Lisboa sobre crise de trabalho. Resolven convocar para amanhã uma assembleia magna da classe, a fim de lhe ser exposto o resultado dessas negociações, a qual terá lugar, às 20 horas, no Salão da Construção Civil.

Resolven mais: pedir uma audiência aos srs. presidente da República e ministro do Interior para reclamarem sobre crise de trabalho e iniciar brevemente as sessões de propaganda em todas as secções e na central sobre o mesmo assunto.

Mudança da hora legal

A Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses comunica que na noite de 9 para 10 do corrente, em consequência da modificação da hora legal, os comboios tramways de Sintra n.º 1301 e 1302 e de Vila Franca n.º 1401, que saem respectivamente de Lisboa-R às 1-00, de Sintra às 0-15 e de Lisboa-R às 0-47, partirão daquelas estações às 2-00, à 1-15 e à 1-47.

Igualmente o comboio tramway de Espinho n.º 1502 que sai do Porto às 0-47 e de Campanhã às 0-57, partirá na mesma noite daquelas estações respectivamente à 1-47 e 1-57.

O Congresso Pedagógico

reúna em Vizeu nos dias 20, 21 e 22 do corrente

Nos dias 20, 21 e 22 do corrente reúne-se em Vizeu o Congresso Pedagógico, promovido pela União do Professorado Primário.

Ontem a comissão executiva da União dirigiu convite ao presidente da República para assistir ao Congresso.

Há grande animação entre o professorado pelo Congresso, tendo começado já as inscrições que, logo de começo subiram a algumas centenas.

Sobre organização

Aspectos resultantes do maquinismo na posse dos industriais

Os patrões possuem também os seguintes direitos administrativos, cuja importância o industrialismo moderno aumentou consideravelmente:

1.º—Direito de fixar os preços.

2.º—Direito de gerir o material industrial.

Sobre o primeiro ponto, o maquinismo aumentou a autoridade da classe patronal. Antigamente o artefacto tratava muita vez com o comprador e era ele quem marcava os preços. Desde a criação da grande indústria são os patrões ou os directores das sociedades anónimas encarregadas de explorar as minas, a metalurgia, os caminhos de ferro, a navegação, que fixam o custo dos produtos ou dos serviços de suas indústrias respectivas, e o público é obrigado a submeter-se-lhes. Os proprietários rurais, os rendeiros os intermediários que especulam sobre os géneros agrícolas e as matérias primas impõem também os seus preços. Nas cidades, os proprietários do solo e das casas de habitação fixam o valor dos terrenos e dos aluguéis sem para isso terem que dar qualquer justificação.

Nas indústrias de consumo das cidades; a multiplicidade de empresas e a concorrência por vezes impedem os patrões de efectuar todos os aumentos que desejariam, mas nem por isso são menos senhores de fixar os seus preços e de aproveitar a ignorância comercial do público para o iludir constantemente sobre o verdadeiro custo dos objectos. Igual direito arroga a si o Estado nas indústrias que explora.

A pseudo-lei de oferta e procura só em certos casos prevalece, nas compras de material e de matérias primas efectuadas entre os patrões, ou ainda quando os consumidores compram directamente os seus produtos aos trabalhadores. Estes factos, porém, não invalidam o direito geral de fixar os preços que, perante o público consumidor, possui a classe patronal.

O aumento dos preços que os patrões acrescentam ao custo de produção chama-se excedente de valor. E' por meio deste aumento que eles se atribuem lucros ou ganhos.

Sobre o 2.º ponto — Na sua qualidade de directores da produção, os patrões procedem às seguintes operações administrativas:

Compra de material, construção maquinismo, matérias primas necessárias à sua indústria;

Conservação e renascimento desse material, alargamento, quando oportuno, da imprensa.

maquinismo impõe locais especiais fabricas, manufacturas, uma ferramenta considerável e enorme quantidade de matérias primas. Todas estas necessidades técnicas, portanto, aumentam, consideravelmente a importância do poder que os patrões possuem de gerir a ferramenta industrial.

H. DUFOR

Ecos da revolução

Uma atitude elevada

O nosso presado camarada Arnaldo Simões Januário, que se encontra na esquadra do Pátio de D. Fradique sob prisão, acusado pela policia de Coimbra de distribuir manifestos, cuja doutrina era ofensiva para o governo, enviou-nos cópia de uma carta por ele dirigida à *Gazeta de Coimbra*, em resposta a uma nota officiosa do Ateneu Comercial daquela cidade, inserta no referido jornal. A carta do nosso camarada Arnaldo Simões Januário é assim redigida:

Ex.º Sr. João Ribeiro Arrobas, digníssimo director da «Gazeta de Coimbra» — Tendo lido no seu conceituado jornal de 2 do corrente uma «nota officiosa» do Ateneu Comercial, na qual a direcção desta colectividade desmente ter interferido em qualquer «demarche» feita para reclamar a minha libertação, peço a V. Ex.ª a subida fineza de inserir nas columnas do seu jornal umas breves palavras que julgo necessárias e que são as seguintes:

«Que a direcção do Ateneu Comercial desminta ter prestado a sua solidariedade ao protesto levado a efeito por algumas associações operárias de Coimbra, esta bem, usa dum pleníssimo direito. O que, porém, reputo desnecessário e inoportuno é o quasi oferecimento daquela direcção quando afirma que só debaixo do ponto de vista humanitário e da situação em que fica a família daquele senhor, poderia interferir em tal assumto.»

Sr. director: As manifestações de solidariedade moral que algumas pessoas e colectividades entenderam por bem manifestar-me neste transe, sensibilisaram-me bastante. Para essas vai toda a minha gratidão. Agora demonstrações de comiserção pela minha pessoa e pela minha família, idénticas às por vexasorias.

Sem outro assumto, esperando agradecer a publicação destas linhas, sou, com a máxima consideração

De V. Ex.ª

Cr.º At.º e Obr.º

Arnaldo Simões Januário.

Lisboa, 6-7-927.

A propósito da prisão deste nosso camarada é oportuno dizer que não se refreiam ainda os necessários elementos de culpa para manter a sua prisão.

Todavia J. A. S. Januário continúa detido o que não se compreende muito bem.

Ferroviários do Sul e Sueste

Uma comissão delegada da Federação Ferroviária e de elementos dos ferroviários do Sul e Sueste, entrevistou-se ontem com o sr. ministro do Interior sobre a reabertura do Sindicato do Sul e Sueste, fazendo-lhe a entrega dum exposição neste sentido. O referido ministro prometeu ir providenciar, devendo a comissão voltar brevemente.

ASSINEM Os mistérios do Povo

EM COIMBRA

Foi julgado e absolvido um pe-nhorista que cometeu um crime de estupro

COIMBRA, 4.—A forçada suspensão de A Batalha inibiu-nos de referirmos a um julgamento aqui ocorrido no dia 4 de Fevereiro último.

Um indivíduo acusado de praticar um estupro na pessoa duma menor de 14 anos, foi absolvido, apesar de existirem esmagadoras provas do seu crime.

Para melhor elucidação dos leitores de A Batalha, vamos relatar detalhadamente o caso:

Manuel de Jesus Abreu, casado, de cinquenta anos aproximadamente, exerce o honrado e prestimoso mister de penhorista, na rua do Cabido, desta cidade.

Em 1917, este benemérito cidadão travou relações de amizade com uma família moradora nas proximidades do seu estabelecimento e residência. A essa família pertence a menor em questão, que ao tempo contava 14 anos de idade.

A menor, Laura de nome, devido às relações travadas entre as duas famílias, começou frequentando assiduamente a casa do Abreu, cuja esposa, senhora muito decente, a acarinhava bastante, demonstrando-lhe grande afecto.

O Abreu também manifestava grande simpatia pela pequena, beijando-a e abraçando-a com transportes de amizade, facto que a criança não estranhava.

Este conseguiu, após algum tempo, a realização dos seus brutais instintos, e a pequena ocultou durante algum tempo a desgraça que a tinha ferido, pois o Abreu impunha-lhe o silêncio, umas vezes ameaçando, outras animando-a com a oferta de brinquedos e objectos próprios para crianças!

Como era inevitável, a família da creança soube do acontecido, passado algum tempo, tendo a mãe da vítima conseguido do próprio Abreu a confissão do crime, prometendo este repará-lo casando com a Laura — nesta época já tinha falecido a esposa do Abreu — apenas ela atingisse a idade legal.

A família da menor aguardou que o Abreu cumprisse a sua promessa de reparação que, embora não lavasse a mancha dum estupro violento, a satisfazia em parte, em atenção à chamada opinião pública desta sociedade, inversa em preconceitos anacrónicos, que considera, ser um casamento uma reparação a um vil atentado à natureza!

Porém, o Abreu apenas pretendia, com estas promessas, ver-se livre da sua vítima, pois que não pôde cumprir com o prometido, como ainda começou a viver com uma outra mulher, com a qual mais tarde se casou.

Quando os pais da menor verificaram que estavam sendo ludibriados pelo Abreu, resolveram relegar o assunto para os tribunais competentes, isto em 1919.

Dispondo de certa influencia, resultante dos grossos proventos arrancados à miséria daqueles que lhe caíam nas garras, o Abreu conseguiu que o processo empenhasse, interpondo agravos e usando das garras artimanhas que os chamados ratos de tribunal tão bem sabem aconselhar quando ferejam com um processo lhes pode render bastante dinheiro.

Em adiamentos constantes, o julgamento foi, após uma triste odisséia do respectivo processo, marcado para o dia 4 de Fevereiro, realisando-se, ao mesmo tempo, o julgamento dum outro processo em que Abreu era acusado de receptor dum roubo praticado há anos na igreja de Lórvão, concelho de Penacova.

Como se vê, sempre honestos estes desinteressados penhoristas!

Para não tornar esta narrativa fastidiosa, que um compromisso de consciência nos leva a relatar, basta que digamos que o Abreu era acusado de receptor dum roubo praticado há anos na igreja de Lórvão, concelho de Penacova.

Assim a justiça burguesa!

A nossa indignação não resulta tanto da absolvição deste triste rebaulho da humanidade. Os nossos princípios não nos mandam reclamar a cadeia para ninguém, pois compreendemos que não é usando de meios repressivos que se consegue a regeneração social. A prática de sobre o tem demonstrado.

A nossa indignação existe, sim, por verificarmos, mais uma vez, a comédia das leis e dos tribunais.

O réu foi absolvido por fazer parte da sociedade anónima do roubo legal e a vítima ser filha duma modesta família de trabalhadores, nada mais.

Suponha o leitor que se invertissem os papéis, isto é, que o autor do estupro era um qualquer *farranilha* e a vítima uma menina da classe burguesa.

E está a moral desta pútrida sociedade. Por fora afigura-se-nos uma matrona toda grave e severa. Por dentro mostra o riso cínico e debochado dum prostituta.

O Manuel de Jesus Abreu deve sorrir satisfeito com a sua gloria, apto a praticar proezas idénticas, seguro da impunidade, enquanto a vítima chora amargamente a sua desdita, que lhe veio enlutar a alegria da vida no alvorecer da mocidade.

Foi advogado da vítima o dr. sr. Humberto Araújo, o qual, diga-se em abono da verdade, emvidou todos os esforços em favor da causa da malfadada menor.—(C.)

Reúne amanhã pelas 21 horas, o Comité Executivo deste organismo.

Reúne no mesmo local e à mesma hora, o Comité local.

Federção Portuguesa de Solidariedade a Prêsoes e Perseguidos por Questões Sociais

Reúne amanhã pelas 21 horas, o Comité Executivo deste organismo.

Reúne no mesmo local e